

## **Subsídios didático-metodológicos para inserção do Inglês no ensino primário em Angola**

### ***Didactic-methodological allowances for the insertion of English in primary education in Angola***

**Itela Luís Malambo <sup>1\*</sup>, João Muteteca Naege <sup>2</sup>**

<sup>1</sup> Lic. Professor de economia, na escola do Liceu do Dundo. [Itelamalambo2018@gmail.com](mailto:Itelamalambo2018@gmail.com)

<sup>2</sup> PhD. Professor Universidade Lisboa. Portugal.

\* Autor para correspondência: [Itelamalambo2018@gmail.com](mailto:Itelamalambo2018@gmail.com)

## **RESUMO**

O presente artigo aborda o ensino de Inglês em Angola, procurando refletir sobre o tempo de ensino e o cumprimento dos objetivos propostos pelo Ministério da Educação, ou seja, nesta abordagem o cerne não é somente o ensino do inglês, mas frutos deste ensino que é a comunicação. Procuramos com esta análise propor que o inglês, em Angola, comece a ser ensinado no Ensino Primário, propriamente nas 5ª e 6ª classes. A abordagem foi baseada nos programas da disciplina de Inglês, da 7ª e 8ª classes. Com base na análise feita aos programas, propusemos que os programas da 7ª e 8ª classes fossem convertidos para a 5ª e 6ª classes. A nossa proposta é sustentada com base no início do ensino da Língua Inglesa Primário como o que se ensina na 7ª marca o início do processo de ensino-aprendizagem do Inglês na vida dos alunos, sugerimos que se faça a partir da 5ª classe, e se ensina na 8ª classe marca a continuidade daquilo que já se ensinou na 7ª classe, que seja ensinado na 6ª classe. Este artigo é parte do desenvolvimento da dissertação do mestrado em educação, por isso, apresentamos, também, parte dos resultados da entrevista que serviu como instrumento de recolha de dados.

**Palabras clave:** Ensino de Inglês; Angola; Ensino Primário.

## **ABSTRACT**

*The present article is toing about English learning in Angola, locking for reclad the time of learning and the compliment of objective prosed of Mister of Education, or as well as in this talking the kernel not is segment the learning of English, but fruit in this learning is a communication. We locking for in this analyze proposed by English, in Angola, bedecking to learning in primary school it bey be in 5<sup>th</sup> and 6<sup>th</sup> grade. In this talking we based in English programs at 7<sup>th</sup> and 8<sup>th</sup> grade. With analyze we did in programs, we prosed of the programs ta grade 7<sup>th</sup> and 8<sup>th</sup> can be for a 5<sup>th</sup> and 6<sup>th</sup> grade. Our prosed is suitability any based in beginning in English language our propose is suitably and based in English language begin in primary school for such as in students live we supposed for it can be egging in grade 5<sup>th</sup> and for that is tough in grade 8<sup>th</sup> make in process continued that for can be in leering in grade 7<sup>th</sup> for can tough in grade 6<sup>th</sup> not obstinately, my be this article is the part of development of dissertation of mastery, presented and is the part of the results of interviews.*

**Keywords:** Teaching of English; Angola; Primary Education.

## INTRODUÇÃO

O ensino da língua inglesa torna-se uma preocupação quando se avalia o perfil de saída do aluno, seria bom que se avaliasse o processo todo, desde os currículos, programas, a preparação do professor, à seleção do pessoal docente até os métodos utilizados, enfim, há uma gama de elementos a considerar para se perceber o ensino do Inglês em Angola que, a nosso ver, se torna importante e urgente a inserção desta disciplina no Ensino Primário.

Angola é um país plurilingue, onde as tradições de cada grupo linguístico são diferentes, cada região fala uma língua diferente das outras, a maioria do povo é de origem Bantu. O Português foi adoptado, politicamente, como língua oficial e que se estende a nível do país, liga todos os angolanos, considerando-os como um só povo e uma só nação, é a mesma língua que os angolanos usam nas relações internacionais com países de língua oficial portuguesa, o Português é também a língua de escolarização, pelo facto de o processo de ensino-aprendizagem, em todos os níveis, ser feito nesta língua.

A língua inglesa, em Angola, é uma língua estrangeira que permite comunicar, com a dinâmica da globalização, passou a ser falada no contexto global, a mesma ser, atualmente, a que está a frente da revolução industrial. Angola até ao momento regista insuficiências quanto à formação de professores em quantidade e qualidade para assegurar o processo de ensino-aprendizagem da língua inglesa nos distintos ciclos de ensino geral, aqui, o realce vai para o ensino primário. Desta forma, é pertinente a inserção da disciplina da língua inglesa no Ensino Primário nas 5ª e 6ª classes em Angola, com objetivo de se aproveitar a aprendizagem do aluno em função da faixa etária, ou seja, enquanto mais novo. Quando se é criança, o processo de aprendizagem de uma língua fica mais facilitado, apostando no Ensino Primário, então ter-se-ia um falante não nativo mais preparado no que ao Inglês diz respeito, facto que lhe permitirá criar habilidades de se comunicar na Língua Inglesa.

## DESENVOLVIMENTO

Abordagem da língua inglesa no contexto global.

Ao falarmos da globalização e/ou do contexto global da língua inglesa, uma coisa deve ficar clara de que ela partiu do Reino Unido, tendo-se expandido por força da colonização, portanto, hoje a Língua Inglesa é considerada a quarta língua com mais falantes no mundo, tal como assevera Kupske (2016):

O papel do inglês no mundo contemporâneo é explicado pela importância que o Império Britânico teve no século XIX e, no início do século XX, e pela predominância mundial da economia dos Estados Unidos a partir da Segunda Guerra Mundial, gerando um tipo de neocolonialismo ou imperialismo. Esse momento histórico-económico se estende até o final do século XX e toma novas direções no que se convencionou chamar de globalização (P.2).

Neste caso, a língua inglesa é tida como uma língua internacional e há quem vá mais longe como Crystal (2003), chegando mesmo a afirmar que o inglês já não conecta diferentes sociedades, mas o globo como um todo. Destarte, o inglês também é rotulado como uma língua global.

Kupske (Op. Cit.) afirma que os motivos que levaram a língua inglesa ao *status* de língua franca parecem óbvios para aqueles que associam a militância dessa língua ao capitalismo imperialista do Reino Unido e ao poderio económico e militar dos Estados Unidos da América. Por outro lado, no que concerne à perpetuação do inglês como língua internacional, a transparência dos factos parece desaparecer.

Ao contrário do que pensa Kupske (2016), Rajagopalan (2010) afirma que o destino do inglês não está imbricado com os factos que o colocaram no topo da hegemonia linguística contemporânea. O autor (Rajagopalan) apresenta algumas questões: (i) o que, então, perpetuará, se esse for o caso, a língua inglesa; e (ii) o que os profissionais do ensino de língua inglesa como língua estrangeira sabem sobre o caminho trilhado rumo ao *status* global e sobre a perpetuação do inglês nesse cenário?

Com este questionamento, Rajagopalan (2010) procura, então, mostrar o que os profissionais do ensino de língua inglesa pensam e/ou sabem sobre essas temáticas, bem como tentar desmistificar essa visão de que a perpetuação do inglês como língua internacional está amalgamada com a história futura dos Estados Unidos da América (p.54).

Cristal (2003) assevera:

No que concerne à ascensão da língua inglesa no cenário mundial, devemos, obviamente, considerar o papel político-militar dos Estados Unidos da América. Para desde os momentos finais da Segunda Guerra Mundial, o mundo tem assistido a expansão atômica do inglês como língua estrangeira e segunda língua. Como o poder económico dos Estados Unidos da América estava aumentando, o inglês encarou o mesmo destino. Em outras palavras, o inglês é hoje uma língua internacional graças à emergência dos EUA como uma superpotência internacional. (p.28)

Na visão de Crystal (2003), por exemplo, os EUA serão a única superpotência mundial até meados de 2030, quando a China pode vir a se igualar. Essa influência económica e cultural acaba descolando o francês como língua hegemónica nos meios diplomáticos e impondo o inglês em uma posição padrão das comunicações internacionais.

Pennycook (2004) explica a história da língua inglesa da seguinte forma:

Da história da língua inglesa no Reino Unido, o que resta saber no momento é que a Inglaterra foi extremamente bem-sucedida no que concerne à expansão colonialista. Nos séculos XVIII, XIX e XX a Inglaterra apresenta um grande poderio económico impulsionado pela Revolução Industrial. Contudo, esse império de influência política e económica alcança seu apogeu na primeira metade do século XX, com uma expansão territorial que, em 1921, atingiu algo em torno de 25% da população mundial, um quarto do planeta estava sobre o domínio do Trono Inglês. O Império Britânico chegou a ficar conhecido como o Império no qual o sol nunca se põe, dada a extensão de seus domínios. Esse sucesso socioeconómico levou, como consequência, ao sucesso internacional da língua inglesa. (p.67)

Os avanços da revolução industrial tornaram a Inglaterra em uma terra de sonhos de muitos e, naturalmente, que, este facto tornou a língua Inglesa em um fator de atracção para todos aqueles que lá quisessem estar.

Sobre o futuro da língua inglesa, Rajagopalan (2010) assevera:

O status atual do inglês está intimamente ligado ao colonialismo britânico e ao imperialismo e poder militar dos Estados Unidos da América. Contudo, de acordo com, não podemos apontar que o futuro dessa língua depende, também, desses países. Primeiramente, sabemos, por exemplo, que a superpotência mundial norte-americana está em decadência. Por exemplo, os EUA estão enfrentando uma crise económica desde 2008, a chamada crise dos subprimes, desdobramento da crise financeira internacional, precipitada pela falência do banco de investimento estadunidense Lehman Brothers, quebrando, como consequência, grandes instituições financeiras. Antes mesmo da crise dos subprimes, os EUA estão sendo ameaçados, no que concerne ao seu poder económico, diariamente por países do terceiro mundo que estão se desenvolvendo rapidamente, como é o caso do grupo BRIC, Brasil, Rússia, Índia e China. Neste viés, poderíamos pensar que a língua inglesa está com seus dias contados (p.2).

Schütz (2010) afirma que inglês se tornou uma língua falada em todos continentes, não o considerando como pertença, apenas dos países que o têm como língua oficial, tal como se pode constatar:

A atual busca de informação aliada à necessidade de comunicação em nível mundial já fez com que o inglês fosse promovido de língua dos povos americano, britânico, irlandês, australiano, neozelandês, canadense, caribenhos, e sul-africano, a língua internacional. Enquanto o português é atualmente falado em quatro países por cerca de 195 milhões de pessoas, o inglês é falado como língua materna por cerca de 400 milhões de pessoas, tendo já se tornado a língua franca, o Latim dos tempos modernos, falado em todos os continentes por cerca de 800 milhões de pessoas (p. 34).

Cristal (2003) vai mais além e assegura que o inglês não tem dono, pelo facto de estar a ser falado em todos os cantos, portanto, o autor afirma:

Hoje em dia o inglês já não tem dono, o inglês que é falado em alguns cantos do mundo às vezes apenas lembra o que seria o inglês padrão. A língua em uso muda, e isso é um fato. O inglês em uso muda. A cada uso, em um novo contexto, ele se articula e se integra com práticas sociais e culturais que o moldam de forma inevitável. O inglês que falamos no Brasil é, seja acústica ou semanticamente, diferente do inglês que se fala na Itália, por exemplo. Quando um aluno de língua inglesa fala “I am going to kill some classes” para “eu vou matar algumas aulas”, que demandaria o verbo to cheat, ele está errado ou está apenas fazendo sentido, usando como veículo a língua inglesa, mas calcando-se em sua própria cultura? (p. 89).

Reflectindo sobre as perguntas feitas por Cristal (2003), Kupske (2006) apresenta o seguinte pensamento:

As perguntas são muitas, mas, o que devemos reter de toda essa discussão é que é inerente à língua mudar. O uso é veículo de mudança. Ao tentarmos consagrar uma língua à glória internacional, na verdade, estamos a fadando ao insucesso, pois essa, ao tomar novos contextos socioculturais irá, de uma forma ou de outra, mudar. Hoje as línguas inglesas faladas no mundo são consideradas World Englishes, línguas que não correspondem completamente à forma standard. O Latim foi uma língua internacional, por isso se vulgarizou e deu origem a diversas outras línguas, e, a esse mesmo processo, o inglês internacional está exposto (p. 10).

Percebe-se, sem dúvidas que, à semelhança de outras línguas, como é o caso do francês, a língua inglesa é uma língua global, ou seja, falada em quase todos os continentes do planeta terra, este facto torna-a uma das mais importantes línguas no mundo.

#### Abordagem do ensino da língua inglesa em Angola

A língua inglesa, em Angola, é ensinada a partir do I Ciclo, isto é, na 7<sup>a</sup>, 8<sup>a</sup> e 9<sup>a</sup> classes, com o estatuto de língua estrangeira e das mais faladas a nível de todos os cantos do mundo, impera a necessidade da sua aprendizagem a partir do documento oficial do INIDE (2019) pode ler-se:

A aprendizagem de uma língua estrangeira é, em si mesma, uma experiência de comunicação, abertura e interacção social, cultural e tecnológica do aluno. Deve permitir-lhe descobrir e valorizar os povos de diferentes comunidades, alargando os seus horizontes culturais e sociais, enriquecendo a sua personalidade, fomentando o seu convívio e compreensão entre todos, levando-o a reflectir criticamente sobre a sua própria cultura, no sentido de a valorizar ainda mais. A Língua Inglesa possui uma situação proeminente dado ser a língua mais internacional, uma das línguas oficiais da ONU e veículo de acesso à investigação e informação, INIDE (p. 5).

O ensino e aprendizagem desta língua revestem-se de particular importância, em Angola, devido à posição geográfica do país. Situado na África Austral, tem como vizinhos vários países de expressão inglesa. Por outro lado, Angola é um dos países membros da Comunidade de Desenvolvimento dos Países da África Austral (SADC), cuja língua de trabalho é o Inglês. INIDE (Ibidem).

Segundo o INIDE, a aprendizagem da língua inglesa nos níveis em que se ensina persegue os seguintes objetivos:

- (i) Desenvolver as competências básicas de comunicação; Desenvolver capacidades de compreensão de mensagens orais e escritas veiculadas por vários tipos de textos utilitários; (ii) Adquirir conhecimentos que permitam ao aluno dominar, oralmente e por escrito, formas de compreensão, expressão e argumentação; (iii) Aplicar os conhecimentos adquiridos em situações de comunicação autêntica, no âmbito dos conteúdos programáticos; (iv) Desenvolver uma visão mais ampla e pensamento crítico em relação à cultura, à língua estrangeira e à sua língua, na base da tolerância e respeito pela diferença; (v) Desenvolver capacidades de estudo autónomo (p. 6).

Os objetivos traçados pelo Ministério da Educação através do INIDE, do ponto de vista teórico, são bons, mas peca na sua concretização, o que, a nosso ver, não se chega a cumprir por falta de técnicos qualificados e sem se esquecer da limitada carga horária semanal para a disciplina de Inglês.

Outros autores como Bento *et. al* (2005), mesmo quando se referem a uma realidade que não a angolana, abordam as seguintes finalidades da língua inglesa:

- (i) Sensibilizar para a diversidade linguística e cultural; (ii) Promover o desenvolvimento da consciência da identidade linguística e cultural através do confronto com a língua estrangeira e a(s) cultura(s) por ela veiculada(s); (iii) Fomentar uma relação positiva com a aprendizagem da língua; Fazer apreciar a língua enquanto veículo de interpretação e comunicação do/com o mundo que nos rodeia; (iv) Promover a educação para a comunicação, motivando para valores como o respeito pelo outro, a ajuda mútua, a solidariedade e a cidadania; (v) Contribuir para o desenvolvimento equilibrado de capacidades cognitivas e socioafectivas, culturais e psicomotoras da criança; (vi) Proporcionar experiências de aprendizagem significativas, diversificadas, integradoras e socializadoras; (vii) Favorecer atitudes de auto-confiança e de empenhamento no saberfazer; (viii) Estimular a capacidade de concentração e de memorização; (ix) Promover o desenvolvimento de estratégias de aprendizagem; (x) Fomentar outras aprendizagens (P.11).

Na visão da dessa investigadora, aprender o inglês vai pressupor elevar outras habilidades para a formação da personalidade do indivíduo, portanto, é bom que se pense num ensino do Inglês de forma mais séria, porquanto a sua aprendizagem vem proporcionar ao indivíduo outras valências para encarar o mundo que o cerca.

Sobre o ensino de Inglês às crianças, Bento *et. al* (2005) afirma:

O referencial curricular de qualquer programa de aprendizagem de línguas deve corresponder aos interesses dos alunos, apelar às suas emoções, estimular o seu envolvimento activo, a sua imaginação e criatividade. Os temas definidos nestas Orientações Programáticas são provenientes do mundo da criança, do Currículo Nacional do Ensino Básico e incluem, também, informação cultural sobre os países de expressão inglesa no domínio porventura mais apelativo para este nível etário: as celebrações/festividades (p.12).

Concordamos com a autora no quesito de contextualizar a educação, ou seja, adequação das metodologias e ferramentas de educação à idade de quem se pretende ensinar, portanto, se tal for possível, possível é, também, a inserção do inglês nas classes do ensino primário, basta técnicos com preparação exigida para tal desafio. E para que tal aconteça, Bento (Op.Cit), apresenta as seguintes sugestões:

- (a) Dê ênfase à audição e à oralidade, especialmente na fase inicial. No entanto, a leitura e a escrita podem desempenhar um papel de apoio crítico e não devem ser negligenciadas; (b) Inclua a discriminação e imitação de sons, entoações e ritmos em realizações linguísticas significativas; (c) Promova a memorização apoiada em suportes visuais, auditivos e gestuais; (d) Conduza ao reconhecimento de diferentes tipos de enunciados; (e) Privilegie a reprodução de enunciados curtos em situações de comunicação; (f) Explore, com frequência, a produção oral; Incremente a reprodução escrita de enunciados orais sempre que se julgar pertinente fazê-lo; (g) Utilize todos os padrões organizacionais possíveis, tais como o trabalho individual, de pares, ou em pequenos grupos, associados ao trabalho com o grupo-turma; (h) Ajude os alunos a, gradualmente e de forma natural, reflectir sobre as diferentes estratégias de aprendizagem utilizadas, em utilização ou a utilizar, numa perspectiva metacognitiva da aprendizagem.

A valorização do que o nosso aluno traz, a forma como ele articula e presta atenção ao processo, constituem-se em grandes marcos para o avanço do ensino de uma língua segunda, sendo assim, somos de concordar com os itens apresentados pela autora.

Assim, pode perceber-se que para o alcance do sucesso desejado no ensino da língua inglesa, torna-se necessária a sua inclusão nas classes do ensino Primário, desta forma, os alunos chegariam a ser bem preparados para uma aprendizagem sólida pelo facto de muitas das habilidades que a autora aponta serem adquiridas com facilidade no ensino primário, que corresponde à faixa etária dos 6 aos 12 anos.

### **Importância da língua inglesa no sucesso educativo em pleno século XXI**

Falar de uma língua tal como o inglês, torna-se importante olhar para a necessidade que se tem em aprender a mesma língua e o que a sua aprendizagem pode proporcionar, como já o dissemos antes, a língua inglesa é das mais faladas no mundo, a ciência e a economia imperam o conhecimento desta língua, daí a nossa visão do seu ensino cedo, tal como afirma Londrina (2013):

A língua inglesa vem assumindo papel cada vez mais relevante como parte da inclusão social na contemporaneidade. Em função de ser a língua mais falada no mundo (contando-se os falantes nativos e não-nativos que a usam como uma língua franca ou adicional), seu ensino tem sido objecto de políticas educacionais reconhecedoras do status diferenciado que ela ocupa em relação a outras línguas estrangeiras (p.3).

Os desafios do século XXI imperam mais na aprendizagem de uma língua estrangeira, Inglês e Francês para o nosso caso em particular, portanto, falar inglês tornou-se um imperativo social. Há, em Angola, pessoas que tendem a buscar o ensino da língua inglesa a partir dos primeiros dias de vida, com recurso a cuidadores da primeira infância de países de língua oficial inglesa.

Rozeno (2018) afirma:

Devido à língua inglesa ser a quarta língua mais falada do mundo e ser a língua de comunicação, das artes, da tecnologia, da literatura fica claro a real necessidade de dominar esse idioma num mundo tão globalizado que nos encontramos e, talvez, continuaremos a lutar (p.133).

Para Rozeno (2018), a importância da língua inglesa está consubstanciada na real necessidade de acompanhar a globalização do mundo em que nos encontramos sob pena de não ficar ultrapassado, portanto, as necessidades quer científicas, tecnológicas e da própria literatura em si, obrigam à aprendizagem da língua inglesa.

### *O ensino da língua inglesa: Abordagens metodológicas*

Não se pode falar em ensino de uma língua, colocando de parte a forma como se vai ensinar, neste caso, a aprendizagem está condicionada às metodologias – vias para o ensino, sobre a metodologia, tal como afirma Rozeno (2018):

O método surge a partir da necessidade de aprendizagem que o aluno tem, seja comunicativa ou gramatical, surgindo o método, há a necessidade de estabelecer uma abordagem para dá suporte a esse método. Dessa forma o método auxilia e desempenha papel importante, pois dependendo do método utilizado desenvolveremos o potencial dos alunos, que é nosso objectivo de ensino. Além disso não existe um método melhor que outro, eles se completam, pois um é consequência do outro (p.136).

Sabe-se que o ensino é um processo sistematizado e, sendo assim, impera uma organização metodológica, não pode partir para o ensino de uma língua e não só, sem ter em conta a metodologia para o cumprimento dos objectivos.

### **CONCLUSÕES**

Ao longo da abordagem, tornou-se claro que a inserção da língua inglesa no ensino primário é uma necessidade urgente para se atingir os objectivos propostos pelo Ministério da educação; a forma como os professores responderam às perguntas da entrevista, mesmo com alegações de terem sido forçados a abraçar o desafio de ensinar o Inglês, levou-nos a perceber que quanto mais cedo for inserida a disciplina no sistema de ensino, maior será a percentagem de ser ter um ensino e aprendizagem mais proveitosos, podendo alcançar-se taxas de aproveitamento aceitáveis e promover-se sucesso na disciplina de inglês nas classes subsequentes.

O presente artigo foi desenvolvido a partir de uma base de dados constituída no quadro de uma dissertação de Mestrado em Educação. A abordagem foi desenvolvida com base em informações colhidas quer na revisão bibliográfica, quer nos grupos constituídos como informantes. Procurou-se saber dos informantes sobre seu posicionamento quanto à inserção da disciplina no Ensino Primário, facto que se chegou a consumir. Os dados recolhidos através da técnica de entrevista permitiram perceber que há muitos professores de ensino de Inglês em função da experiência que acumulam e o conhecimento que têm dos programas do ensino Primário, apontam a necessidade de se inserir a língua inglesa na 5ª e 6ª classes.

O método qualitativo permitiu a recolha de dados de forma eficaz e detalhada. As informações contidas na presente dissertação, julgamos nós que, não seriam possíveis se a técnica e os métodos utilizados fossem outros, portanto, com o método qualitativo foi possível questionar e explorar a profundidade do assunto, ou seja, foi possível fazer perguntas e, com base na resposta dada, o entrevistado tinha todo um tempo para justificar a sua resposta ou posição.

O ensino da língua inglesa em Angola deve ser percebido como um assunto de extrema relevância; não se deve olhar para o Inglês como mais uma disciplina no currículo, colocando o seu ensino nas mãos de qualquer professor que não a entenda e a fala, portanto, se quisermos lograr objetivos com o ensino da língua inglesa, tal como fazem os outros países, precisamos repensar o ensino desta ferramenta tão importante para comunicação global, não que estejamos a dizer que as outras disciplinas mereçam professores adaptados, mas porque o nosso foco é a língua inglesa.

Por se tratar de uma proposta para o ensino de Inglês no Ensino Primário, é, em nosso entender, necessária uma adaptação dos programas da 7ª e 8ª classes convertidos para a 5ª e 6ª classes.

A nossa proposta é sustentada com base no início do ensino da língua inglesa no ensino Primário, para tal, se o que se ensina na 7ª marca o início do processo de ensino-aprendizagem do Inglês na vida dos alunos, que tal se faça na 5ª classe e, se o que é ensinado na 8ª marca a continuidade daquilo já se ensina na 7ª classe, que seja ensinado na 6ª classe.

.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Almeida, F. J. C. (2002), *Dimensões comunicativas no ensino das línguas*. Campinas: Pontes.
- Bento, C., Coelho, R., Joseph, E, et Mourão, s. J. (2005), *Programa de Generalização do ensino de Inglês no I ciclo do ensino básico – Orientações programáticas, materiais para o ensino e aprendizagem*, Lisboa: DGIDC/Ministério da Educação.
- Crystal, D. (2003), *English as a Global Language*. Second Edition. Cambridge: Cambridge University Press.
- Hymes, D. H. (1972), *On communicative competence*.
- Kupske, F. F. (2011), *Inglês como Língua Global: O Que Sabem os Profissionais Em TEFL?* Universidade Federal da Bahia. Brasil.
- Londrina, PR. (2013), *Guia cultural para a Língua Inglesa. Educação infantil e Ensino Fundamental. Subsídios para professores e gestores: Equipe do Projecto extensão*. Brazil.
- Neves, M. H. M. (1993), *Gramática de usos do Português: Análise de uso de algumas palavras de relação*. Ribeirão Preto, Instituição Moura Lacerda.
- Pennycook, A. (2004), *The cultural Politics of English as an international Language*. London: Longman.
- Rajagopalan, K. (2010), *O lugar do inglês no mundo globalizado*. In: Silva, K. (org.). *Ensinar e aprender línguas na contemporaneidade: linhas e entrelinha*. Campinas: Pontes.
- Rozeno, E. F. (2018), *Métodos Inovadores no Ensino de Línguas*. Universidade Federal de Sergipe, Aracaju, Brasil.
- Schütz, R. (2008), *História da língua inglesa*. Online. Disponível em <http://www.sl.com.br/sk-emhis.html>. Eces. 14.09.2020.
- Silveira, M. I. M. (1999), *Línguas estrangeiras: uma visão histórica das abordagens, métodos e técnicas de ensino*. Maceió: Catavento.
- Swian, M. (1980), *Theoretical bases of comunicative Approaches to scond Language teaching and testing*.
- Totis, V. P. (1991), *Língua Inglesa. Leitura*. São Paulo: Cortez.

## Síntese curricular dos autores

**Itela Luís Malambo:** professor de economia, na escola do Liceu do Dundo, cite na província da Lunda-Norte, Itelamalambo2018@gmail.com

**João Muteteca Naege:** PhD Professor e Orientador de Mestrado na Universidade Lisboa, Portugal, Proessor eectivo da Faculdade de Direito na Universidade Lueji e colaborador na escola pedagógica do Dundo Universidade lueji A'Nkonde